

COMO PEREGRINOS

Livro 105

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



INCÓGNITAS

Dá-me pronto, já não me basta a espera nem a promessa, perdi os anos, já não encontro a paciência, quero respostas ligeiras, contundentes, quero palavras sobrecarregadas de humanidades, oportunas para minha solidão, quero afagos que cicatrizem a fragilidade aberta, que animem a fraternidade que se faz finita e ampare o esquecimento. Imploro o apego sem códigos, quero um beijo verdadeiro, um sorriso que fique e acabe a urgência, traga a paz em vida e adie a próxima ruína exilando-a ao nada.



CELEBRO

Celebro a vida e sua participação. Nesse meu momento, uma janela que olha para o mar me conta dos seus tumultos. Minhas palavras dançam, tremulam como as velas que acatam os desassossegados ventos. Minhas palavras são como águas alteradas onerando as ondas que as carregam.

SOBREVIDA NÃO ROUBADA

Quem me olhasse naquela ocasião ficaria assustado com a agonia, parceira da hora da partida, de frente para o adeus, escondendo a cicatriz, enfrentei sem coragem para fugir. Atacado de improviso por um precipício, sem escolta, obriguei-me a desviar do teu caminho para extrair alguma sobrevida ainda não roubada.



PROVAS

Poucas provas restaram, se parecem as sombras diurnas, invisíveis, falam comigo, confessam que não conseguem descansar, vivem de teimosias alimentadas por saudades esperando alguma ocasião que as receba e ampare, ávidas de atualização. Pregam asneiras íntimas, misturas que cumprem semear a espécie e ensinam a chamar o amor pelo seu nome.

QUERO UMA TRÉGUA

Quero uma trégua que precipite a paz como novidade, que salvguarde alguma virtude útil, que desafie e atravesse as bocas acostumadas a calar, viciadas em silêncios, lugar onde acumulado se deposita o não-pensar.



DETRÁS DA MINHA MEMÓRIA

Detrás da minha memória se escondem muitas saudades, elas resumem, povoadas de imagens convertidas em símbolos insubstituíveis. Minha memória continua resistindo, segue em festa, distribuindo sensações, confraternizando atemporal adotando provas evidentes de que a felicidade fez ali pontos de convergência alimentando meu metabolismo, meu sangue, meu todo.

MAREMOTOS

Maremotos levam notícias das águas invasivas desconformes com seus limites. Insinua-se passageiros nos batismos, nas torturas por afogamento, no banho de mar dos incautos, nas lágrimas dos abandonados, no peito dos ofendidos, na dor dos injustiçados. Maremotos passeiam, são ondas que vão e voltam, elas sonham com terra firme.



MEDITO

Medito, anseio calma, não estou no controle das regras, passo discreto sem fazer barulho, passo pelo mundo que me rodeia, pouco importa se levo tesouros ou imensas tristezas.

IMAGINAÇÃO

O silêncio se posta como uma contrapartida do texto, ele junta os detritos, deixa quietas as feridas, cobre a dor. O silêncio é quase lúdico em sua quietude protegendo a vantagem de ser quase, somente imaginação.



MEMÓRIAS E SOMBRAS

Memórias fáceis de datar competem com zonas de sombra desafiando-me, variáveis que interrogam com força. Clamam por soluções, por interpretações, por traduções.

CARROSEL

Não param de jorrar imaginações que me atiram nos braços de um carrossel, no giro de uma roda gigante e no relógio que me desperta enraizado na manhã vedada aos sonhos.



ZOMBARIAS

Zombam de mim esses anos que me contemplam passageiro, ávido de futuro, destilando o passado, sobrevivendo sem resignação a cada hora. Sei que eles, esses anos, conhecem virtudes esperando ser usadas.

SONHO MAIOR

Meu sonho maior é o de poder estar na vida participando desses atos demonstrativos do amor, dessas habilidades não misteriosas, onde a decifração se manifeste permanente, onde o rosto olhe olhares altruístas, confirme o espaço da pertinência como contraponto ao promíscuo olhar que invade e fere. No sucessivo, ser privado o olhar que guarda, como si por detrás de véu estivesse dissimulando sem vestes a pureza que só descobre a suavidade da expressão que faz acontecer a adoração e a admiração.



NAS MINHAS PALAVRAS

Nas minhas palavras está inscrito o eixo fundamental, meu patrimônio histórico cultural, nele meus compromissos, minha ideologia, filosofia, psicologia, meu gozo e risco, minhas dúvidas e segredos, todos os códigos, abertos e fechados, o tempo e o alto risco da felicidade construída, os tabus, as porcentagens, os despejos, os alimentos, o que convém guardar e

esquecer, as hostilidades, as alienações, os poderes, as distâncias, os propósitos, as renúncias, as coragens, os moldes.

Nas minhas palavras cabem os horrores, a misericórdia e a paciência esgotada, os olhos que testemunham e se esforçam inomináveis para ordenar e manter as esperanças e as sobrevivências, os desaforos.

Sou, manifesto a essência, a transparência, a vida e os pedaços que deixei pelos caminhos, falo do medo, do menino, do próprio e dos artifícios adquiridos, das memórias espalhadas e das lembranças guardadas, do imitado e do original, dos anúncios e dos silêncios.



A MESMA CERTEZA

Às vezes passeio pelo passado, penso naquela fé ingênua, naquele durável sonho secreto, naquele afeto sincero, naquela inesquecível idade, propostas que se foram sem aceite, cada um por seu caminho, uns tontos, outros sós, já não posso ver com a necessária nitidez, com as mesmas certezas que antes tinha.

AS DORES DA SAUDADE

Junto aos ânimos recusados alargam-se as memórias gloriosas, tudo então toma um rumo para diminuir as dores da saudade. A alma mensageira se ocupa de amenizar tudo o que a distância da terra produz naquele que dela se afasta. Os sentidos se distanciam tanto que se perde todo o contato entre eles. Os oceanos dividem muito mais que continentes.



COMO PEREGRINOS

Como peregrinos, estavam unidos uns aos outros no caminho pela vida, devendo sorrir no sacrifício, aprender um idioma novo. Buscando assegurar a proteção adicional às suas desordenadas incertezas. Os risos, transplantados, depositavam-se em rostos tristes mas solidários, posicionados para inaugurar uma nova era onde as contradições repousassem anônimas.

DAVAM-SE NOTÍCIAS

Davam-se as notícias dos vivos e dos que haviam morrido; se degustava frutas e castanhas, tâmaras e limonada. Eram conhecidas as cartas escritas para serem entregues “em mãos”, enquanto os olhos com lágrimas de cada mensageiro repetiam aquele olhar mediterrâneo do remetente, numa tentativa de memorizar alguma paisagem do lugar de origem. Pedia-se alguma notícia de um parente querido, da terra dos pastores e das ovelhas, ou se tentava recuperar algum sabor que lembrasse o damasco, a coalhada, o trigo, a carne e o pão.



CHEGARAM COM SAUDADES

Os imigrantes chegaram com saudades, e eram recebidos generosamente por aqueles que haviam chegado antes, nas mesmas circunstâncias. Nos pátios coloridos das casas dos meus familiares, carregados

do humanismo das aldeias durante o dia, à noite eram iluminados com lâmpadas e fios improvisados. Os encontros se estendiam e o tempo ficava curto para tantas novidades e atualizações. Assim, naquelas reuniões, era revelada a imigração em sua intimidade. Sabia-se quem desta vez ela havia trazido e quantos haviam deixado no Líbano.



MENSAGEIROS

A saudade era transportada ao Brasil desde Kosba e Amouin por libaneses e seus descendentes brasileiros que ensaiaram retornos, destino de volta de alguns libaneses. Desde Beirute, Ain Aar, buscando o rumo devolvendo a rota em direção a Kosba, buscando por avós. Outros em Kifamis- Zargue para dar sentido às suas existências. Outros em Kalhat, onde a Universidade de Balamand e o Monastério marcavam presença histórica.

MEMÓRIAS GLORIOSAS

Junto aos ânimos recusados alargam-se as memórias gloriosas, tudo então toma um rumo para diminuir as dores da saudade. A alma mensageira se ocupa de amenizar tudo o que a distância da terra-mãe produz naquele que dela se afasta. Os sentidos se distanciam tanto que se perde todo o contato entre eles.

Roberto Curi Hallal

